



**O Coelho e a Formiga Rabiga
mais a Cabra e a sua barriga**

João Pedro Méseder e Elsa Lé (*texto*) / Elsa Lé (*ilustrações*)
Ambar, 2008
ISBN 978-972-43-1267-5

Leitores iniciais e medianos

Na linha de outros títulos contemporâneos – como *O Coelho Branco*, de António Torrado (Plátano, 1983), *O Coelho Branco e a Formiga Rabiga*, de Alice Vieira (Caminho, 1994-2008), *A Verdadeira Vida da Formiga Rabiga*, de Violeta Figueiredo (Gailivro, 2001) ou, até, de certa maneira, *O Urso e a Formiga*, de Luísa Ducla Soares (Civilização, 2002 – reed.) –, J. P. Méseder (JPM) e Elsa Lé (EL) recriam um dos mais conhecidos contos do património tradicional oral que integra, por exemplo, a colectânea *Contos Populares Portugueses* (1879), de Adolfo Coelho (1847-1919).

Trata-se de «O Coelho Branco», uma narrativa de animais e de exemplo, que, conforme faz prever o título da publicação assinada por JPM e EL, surge, agora, revestida de uma nova roupagem ficcional, decorrente, em larga de medida, da opção pela renovação invulgar de personagens. Na verdade, enquanto, no texto-matriz, o protagonista, debatendo-se com o problema de ter de vencer a Cabra Cabrês, procura auxílio junto de um boi, um cão, um galo e uma formiga, na obra em divulgação, assistimos à intervenção de um leão, uma cobra, um

elefante e uma girafa e, também, de uma formiga, que, não obstante a pequenez física, se destacará, devido à sua natural sagacidade, como responsável pela resolução do conflito.

A arquitectura diegética original mantém-se no essencial, observando-se a prevalência de uma série de modelos próprios do conto popular, designadamente a extensão reduzida – ainda que mais extenso e evidenciando uma maior elaboração retórica-estilística em relação ao texto tradicional –, que se repercute na acção, nas personagens e no tempo. A concentração e a linearidade da matriz tradicional, que caracterizam a acção, aliadas ao número relativamente reduzido de personagens e a uma situação espaço-temporal indefinida, desempenham uma função importante ao nível da captação da atenção do receptor preferencial deste texto. O mesmo podemos dizer relativamente ao registo e/ou ao tom discursivo, uma vez que a simplicidade vocabular e sintáctica, a vivacidade dos diálogos, a adjectivação expressiva e as frequentes onomatopeias, bem como a coloquialidade e as marcas de oralidade (por exemplo, as pausas ou anacolutos), destacando-se como traços distintivos do conto de JPM e EL, contribuem para uma proximidade com o potencial destinatário. A própria estrutura reiterativa, com o recurso repetido à enunciação explicativa do protagonista – «Fui à horta apanhar umas cenourinhas para fazer uma sopinha e quando voltei encontrei a porta fechada. Lá dentro estava a Cabra Cabrês, que diz que me salta em cima e me faz em três!» –, bem como à expressão típica da figura oponente, ou seja, da Cabra Cabrês – «Pois eu daqui não saio, daqui ninguém me tira! Eu sou a Cabra Cabrês, que te salta em cima e te faz em três!» –, confirmam a opção por uma construção textual/narrativa acessível e, até, em certo sentido, de fácil memorização, alicerçada também numa estrutura paradigmática – situação inicial, peripécias, ponto culminante e *ressolva*.

Outro aspecto que corrobora a intenção de criar uma proximidade com o leitor reside no facto de, após o início canónico, a partir da fórmula hipercodificada «Era uma vez», se verificar um jogo cómico, de índole metatextual, com base numa formulação discursiva intencionalmente saturada de «-inhos» e na qual se pressente uma crítica subtil, já que esta é uma estratégia, por vezes, recorrente em certo tipo de literatura publicada para crianças. Com efeito, este parece ser um narrador que se diverte com o que narra e que se aproxima, de forma cúmplice, do receptor, através, por exemplo, e como sugerimos, de apartes aos quais não se encontra alheia uma atractiva configuração humorística.

À fórmula de encerramento «E viveram juntos e felizes para sempre!», sucedem-se duas quadras, em rima cruzada, que além de servirem de conclusão, reforçam o fundo moralizante inerente à narrativa e criam expectativas relativamente a possíveis futuras criações ficcionais.

A componente pictórica, bastante extensa, segue de perto o texto linguístico e recria, em tons muito suaves, os traços que distinguem cada uma das figuras intervenientes na acção. A hesitação entre a representação tendencialmente objectiva, que se centra em elementos naturalistas, e a representação levemente maravilhosa caracteriza a vertente visual deste conto, parecendo determinar, por exemplo, a relevância que é concedida à ilustração dos momentos principais da narrativa. SARA REIS DA SILVA [UNIVERSIDADE DO

MINHO]